

Enfim, O Compacto

Monica Baumgarten de Bolle

Economista, Professora da PUC-RJ e Diretora do IEPE/Casa das Garças

9 de dezembro de 2011

(Publicação no jornal *O Globo* do dia 10/12/2011)

Um “Compacto Fiscal”. Foi isso o que emergiu da reunião de cúpula dos líderes europeus, conforme revelou o comunicado divulgado após o término do evento mais aguardado da semana. Notem bem: é um “compacto”. Pelo visto, a escolha do termo tem o objetivo de sinalizar que o acordo é mais do que um simples pacto. Afinal, um objeto compacto é algo condensado, cujas moléculas estão fortemente ligadas. O simbolismo é emblemático da gravidade da crise europeia, cujos líderes precisam de todo tipo de artifício para sinalizar que estão unidos, que, agora sim, caminharão na mesma direção, falarão a mesma língua e, desse modo, tirarão a moeda única da beira do abismo. Será?

As moléculas do compacto, por enquanto, incluem os países do euro e outros da União Europeia. Mas não a Inglaterra. Os ingleses rejeitaram, veementemente, o compacto, por não compactuarem com a ideia de que o novo tratado que levará à almejada união fiscal exclua cláusulas para proteger o sistema financeiro britânico. Preocupados com as iniciativas de reformar a regulação financeira na UE, os ingleses queriam garantias de que a indústria de serviços financeiros, uma das mais importantes do país, não seria prejudicada pelas mudanças planejadas. Tais mudanças contemplam a introdução de um imposto sobre as transações financeiras, proposta que conta com um forte apoio da Alemanha e da França, e que penalizaria os bancos, inclusive os do outro lado do Canal da Mancha.

A dupla “Merkozy” já antecipava tal desdobramento. Não foi à toa que nos discursos que sucederam o encontro entre os dois membros dessa frágil aliança no início da semana, ambos fizeram questão de sublinhar que o “compacto fiscal” iria adiante, mesmo que alguns membros da UE não concordassem com as diretrizes para a formulação do novo tratado.

Mas em que consiste, afinal, o compacto? E será isso de fato a tábua de salvação dos países europeus, ou será apenas mais uma boia inflável – e inflamável – lançada no mar de dívidas e dúvidas? Faltam ainda muitos detalhes e os europeus prometeram elaborá-los até março, quando ocorrerá a reunião de cúpula que deverá fincar os pilares da união fiscal. Porém, da informação contida no comunicado, é possível concluir que a dupla “Merkozy” está recriando o antigo Pacto de Estabilidade e Crescimento, diluído, pela França e pela Alemanha, em 2005. O Pacto de Estabilidade era o mecanismo original do euro que garantia que os critérios de déficit e dívida estabelecidos pelos tratados de Maastricht fossem cumpridos, incluindo sanções e multas para os infratores. Essas penalidades, entretanto, jamais foram aplicadas. O Pacto não contava com as instituições que pudessem garantir o seu cumprimento, razão pela qual a França e a Alemanha conseguiram enfraquecê-lo quando enfrentaram problemas para cumprir os critérios fiscais em meados dos anos 2000. Nada garante que o “Compacto Fiscal” não sofra o mesmo destino. Afinal, vários países, inclusive a França e, possivelmente, a Alemanha, terão dificuldades para administrar suas contas públicas devido aos graves problemas dos seus bancos e à recessão que se anuncia em 2012.

Os mercados aprovaram o compacto. Contudo, este tem sido o padrão sempre que há uma reunião de cúpula na Europa. Primeiro os investidores vibram com a possibilidade de que tenha havido algum avanço. Depois se dão conta de que o resultado foi menor do que o esperado.

Não era razoável que se esperasse um plano grandioso desta reunião. A união fiscal é um tema complexo, repleto de percalços políticos, de questões intrincadas, como a cessão da soberania à uma entidade supranacional. Ainda assim, o compacto fiscal europeu ficou mais para um disco de vinil de 45 rotações do que para um roteiro bem articulado e amarrado para a salvação do euro. Um *single*. Qual será a música que ele toca?